

RESSALVA

Atendendo solicitação do autor, o texto completo desta dissertação será disponibilizado somente a partir de 11/02/2027.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP

Faculdade de Ciências e Letras

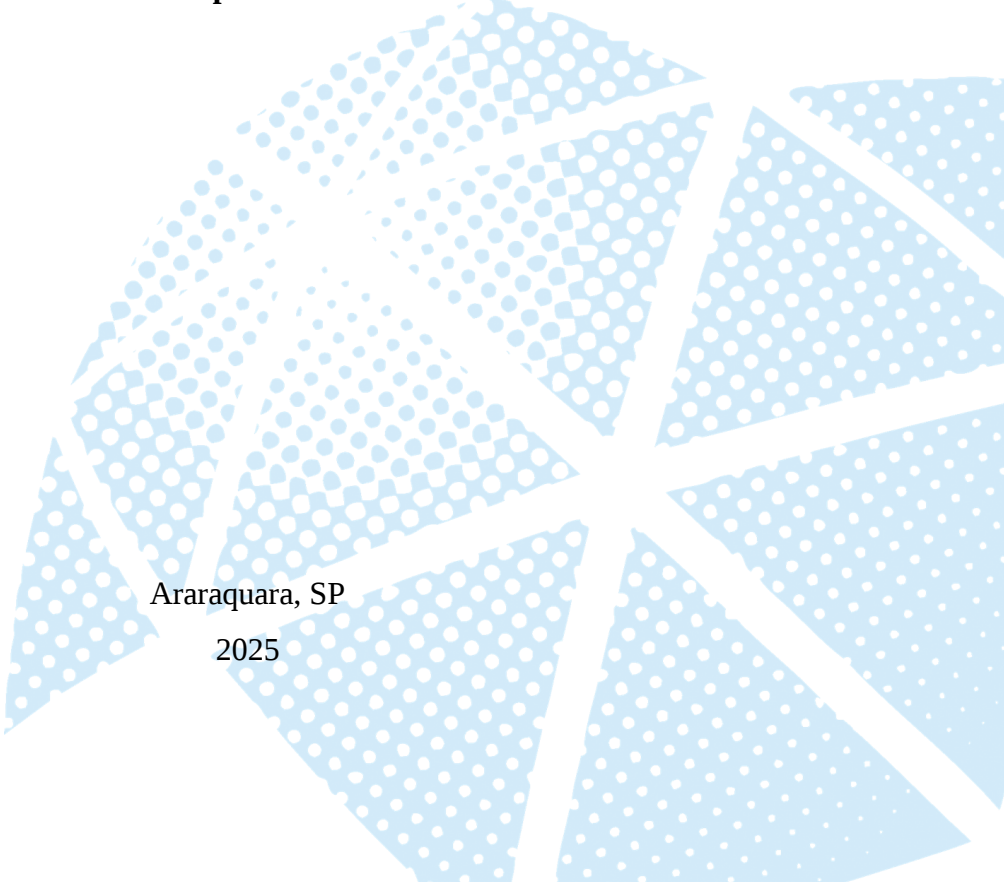
Campus de Araraquara - SP

LAURA MARTINS FARGETTI

**IMAGENS DE FEMINILIDADES NA EDUCAÇÃO PÚBLICA:
um estudo de figuras femininas em apostilas de Arte do Ensino Fundamental I**

Araraquara, SP

2025



LAURA MARTINS FARGETTI

**IMAGENS DE FEMINILIDADES NA EDUCAÇÃO PÚBLICA:
um estudo de figuras femininas em apostilas de Arte do Ensino Fundamental I**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, SP, para obtenção do título de Mestre em Educação Escolar.

Área de Concentração: Teorias Pedagógicas, Trabalho Educativo e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Antonio Calmon Nabuco Lastória

Araraquara, SP

2025

F223i	Fargetti, Laura Martins Imagens de feminilidades na educação pública : um estudo de figuras femininas em apostilas de Arte do Ensino Fundamental I / Laura Martins Fargetti. -- Araraquara, 2025 109 f. : tabs., fotos Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara Orientador: Luiz Antonio Calmon Nabuco Lastória 1. ensino fundamental. 2. feminilidade. 3. arte. 4. apostilas. I. Título.
-------	--

IMPACTO POTENCIAL DESTA PESQUISA

O impacto esperado desta pesquisa na sociedade é a conscientização da importância que representações de feminilidades em figuras presentes em materiais didáticos, tais como as apostilas, têm no combate às desigualdades de gêneros. Tendo em vista que os materiais utilizados em sala de aula podem também ser mecanismos de empoderamento feminino e combate à violência contra a mulher. Tal potencial está de acordo com o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 5 (ODS5) da Organização das Nações Unidas (ONU), “Meta 5c”: “Adotar e fortalecer políticas públicas e legislação que visem à promoção da igualdade de gênero e ao empoderamento de todas as mulheres e meninas, bem como promover mecanismos para sua efetivação” (IPEA, [s.d.]).

POTENTIAL IMPACT OF THIS RESEARCH

The expected impact of this research on society is heightened awareness about the importance of representations of femininities in figures present in educational materials, such as textbooks, in combating gender inequalities. Considering that the materials used in the classroom can also function as mechanisms for female empowerment and the fight against violence directed at women, this potential aligns with the United Nations Sustainable Development Goal 5 (SDG5), “Target 5c”: “Adopt and strengthen public policies and legislation aiming to promote gender equality and the empowerment of all women and girls, as well as also promote mechanisms for their implementation” (IPEA, [n.d.]).

LAURA MARTINS FARGETTI

**IMAGENS DE FEMINILIDADES NA EDUCAÇÃO PÚBLICA:
um estudo de figuras femininas em apostilas de Arte do Ensino Fundamental I**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, SP, para obtenção do título de Mestre em Educação Escolar.

Área de Concentração: Teorias Pedagógicas, Trabalho Educativo e Sociedade.

Data da defesa: 11/02/2025

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Luiz Antonio Calmon Nabuco Lastória
UNESP - Faculdade de Ciências e Letras - Campus de Araraquara, SP

Profa. Dra. Juliana Rossi Duci
UFABC - Centro de Ciências Naturais e Humanas - Campus de São Bernardo do Campo, SP

Prof. Dr. Paulo Rennes Marcal Ribeiro
UNESP - Faculdade de Ciências e Letras - Campus de Araraquara, SP

Profa. Dra. Eliza Maria Barbosa - Suplente
UNESP - Faculdade de Ciências e Letras - Campus de Araraquara, SP

Prof. Dr. Luiz Roberto Gomes - Suplente
UFSCar - Centro de Educação e Ciências Humanas - Campus de São Carlos, SP

Dedico este trabalho ao meu filho Pietro.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Luiz Antonio Calmon Nabuco Lastória, que fez meu mestrado possível com sua excelente orientação, dedicação, paciência e empatia, sempre compreendendo meu ritmo diminuído pelas obrigações da maternidade solo. Agradeço imensamente por me acolher nessa jornada do mestrado, desde o início, quando ser mestre era apenas um sonho, e acreditar no meu potencial, quando eu mesma duvidei. Sou muito grata por ter como orientador um profissional tão excelente, que também é uma pessoa admirável!

Às integrantes da banca de qualificação deste trabalho, Profa. Dra. Andreza Marques de Castro Leão e Profa. Dra. Juliana Rossi Duci, por aceitarem o convite e por compartilharem seus valiosos conhecimentos para o aprimoramento deste trabalho. Agradeço imensamente suas leituras cuidadosas e indicações de leituras. Gratidão por nossas conversas sempre muito produtivas, por se fazerem presentes, pelos elogios ao meu trabalho (que me renovaram a alegria e autoconfiança), por serem sempre tão carinhosas e prestativas.

Aos integrantes da banca do exame de defesa deste trabalho, Profa. Dra. Juliana Rossi Duci, Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro, Prof. Dr. Luiz Roberto Gomes e Profa. Dra. Eliza Maria Barbosa, por prontamente aceitarem o convite. Agradeço por generosamente lerem meu trabalho, pelas contribuições para que o texto fosse aperfeiçoado, pelas críticas que ampliaram meu olhar e pelos elogios que me impulsionaram a continuar na área acadêmica.

Aos membros do GEP- “Teoria Crítica: Tecnologia, Cultura e Formação” (CNPq), que foram muito atenciosos e solícitos em indicar leituras e caminhos para minha pesquisa. Agradeço especialmente ao Prof. Dr. João Mauro Gomes Vieira de Carvalho por sua grande contribuição ao indicar excelentes leituras, caminhos teóricos e métodos para este trabalho. Sou muito grata por todo o conhecimento compartilhado, em especial quanto à aplicação do método da Hermenêutica Objetiva, sempre nos ensinando e guiando as análises em grupo para nos mantermos fiéis ao método.

Aos membros da equipe de análise pela Hermenêutica Objetiva: Prof. Dr. João Mauro Gomes Vieira de Carvalho, Débora Cristina Paiva Silva Andrade, William Garcia e Rafael Callegari Moreira. Muito obrigada pelo trabalho conjunto, pelas ricas contribuições teóricas, pelo companheirismo, pela amizade e pelas trocas de experiências. Vocês fizeram o percurso do mestrado mais leve e alegre.

Aos meus amigos Wiliam e Rafael, com os quais compartilho não só o orientador e o grupo de pesquisa, mas também os medos e as conquistas do mestrado e da vida. Obrigada pela amizade e por tornarem leves até as discussões teóricas mais densas, sempre compartilhando oportunidades e conhecimentos acadêmicos. Nós conseguimos, família!

Aos meus amigos de longa data, por partilharem as alegrias da vida, aceitarem e amarem meu jeito brincante de ser, sempre se orgulhando e comemorando comigo cada página escrita. Lilian, Anthony, Dean, Daniela, Leandro, Lara, Debora, Renan, Maitê, Alice, Karine, Michele, Andrea e Juliana, sou porque somos.

À minha tia, Profa. Dra. Márcia Martins, por me guiar pelos caminhos da academia, confiando em meu trabalho como pedagoga em seus projetos e me ensinando métodos científicos que agilizaram a leitura e fichamento de textos para este trabalho.

Ao meu irmão, Silvio, minha cunhada, Aline, e meu lindo sobrinho, Arthur, por serem luz na minha vida e sempre me apoiarem.

À minha mãe, Profa. Dra. Cristina Martins Fargetti, que fez a revisão de escrita, me incentivou a iniciar a pós-graduação, me ensina desde a época de escola a escrever de acordo com as normas formais, me apoiou durante todo meu percurso acadêmico e de vida, de todas as formas possíveis.

Ao meu pai, Sylvio Lisboa Fargetti, que não me deixou desistir, cuidou em muitos momentos do meu filho para que eu pudesse frequentar as aulas e não mediu esforços para que eu pudesse me dedicar ao mestrado.

Ao meu filho, Pietro, que me inspirou a retomar meus estudos e iniciar o mestrado. A maternidade acordou em mim uma leoa, me tornou uma nova pessoa com mais vontade de viver, vencer e saber mais. Obrigada por existir, filho!

“As mulheres sempre morreram em termos psíquicos e espirituais por tentar proteger o filho não-aprovado, seja ele sua arte, seu amor, sua política, sua prole ou a vida da sua alma”.
(Estés, 1994, p. 221).

RESUMO

Esta dissertação conduziu uma investigação sobre as principais marcas estéticas de feminilidade que podem ser percebidas em apostilas de Arte dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental da rede municipal de escolas públicas de uma determinada cidade do interior de São Paulo. Nosso objetivo foi desvendar quais imagens de feminilidade são apresentadas para as crianças do Ensino Fundamental I através das figuras, ilustrações, fotos e obras de artes que representam mulheres presentes na coleção de apostilas de Arte do Sistema de Ensino adotado pela Secretaria da Educação de tal município. Para tanto, foi realizado um breve levantamento bibliográfico contextualizando o percurso histórico da mulher, principalmente entre o século XVI e os tempos atuais, segundo Elizabeth Badinter (1985), Élisabeth Roudinesco (2022), Simone Beauvoir (1960 e 1967), Mary Del Priore (1991) e outros autores relevantes ao tema. Trouxemos também uma apresentação histórica dos movimentos feministas e suas conquistas, bem como uma sucinta exposição dos conceitos de feminilidade segundo Sigmund Freud (1996), Jacques Lacan (1985 e 1998), Nancy Chodorow (2002) e Laura Cipollone (2003). Em se tratando de um estudo cujo objeto empírico são imagens selecionadas de apostilas, fizemos uma breve discussão sobre imagens e sua potencial capacidade de gerar identidades e estranhamentos. Destarte também discutimos brevemente currículo formal, real e oculto, relacionando-os com o uso de apostilas nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Em seguida foi analisada com o emprego da Hermenêutica Objetiva uma seleção de imagens de mulheres presentes nos materiais supracitados, de forma a desvendar o que está posto quanto a imagens representativas de feminilidades na coleção de apostilas estudada.

Palavras-chave: ensino fundamental; feminilidade; arte; apostilas.

ABSTRACT

This thesis conducted an investigation into the predominant aesthetic markers of femininity that can be found in Art's textbooks used in the Elementary Education in a public school system of a particular small town of São Paulo state. Our objective was to uncover the representations of femininity that are showed to elementary school's children through the figures, illustrations, photos, and artworks depicting women found in the art textbook collection adopted by the local Department of Public Education. To achieve this, a brief literature review was conducted, contextualizing the historical trajectory of women been from the XVI century to the present days, based on the works of Elizabeth Badinter (1985), Élisabeth Roudinesco (2022), Simone Beauvoir (1960 and 1967), Mary Del Priore (1991) and other authors relevant to the topic. We also provided a historical overview of feminist movements and their achievements, as well as a succinct exposition of concepts of femininity as articulated by Sigmund Freud (1996), Jacques Lacan (1985 and 1998), Nancy Chodorow (2002), and Laura Cipollone (2003). Once this study focuses on selected images from textbooks, we engaged in a brief discussion on the potential of images to generate identities or provoke estrangement. Furthermore, we briefly examined the formal, real, and hidden curriculum, relating them to the use of textbooks in elementary education's classes. Subsequently, we employed the method of Objective Hermeneutics to analyze a selection of images of women present in the aforementioned materials, aiming to reveal the representations of femininity within the studied textbooks collection.

Keywords: school system; female; art education; textbooks.

LISTA DE FIGURAS

Imagem 1	81
Imagem 2	82
Imagem 3	82
Imagem 4	83
Imagem extra	83
Imagem 5	84
Imagem 6	84
Imagem 7	85
Imagem 8	85
Imagem 9	86
Imagem 10	86

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Incidência de imagens femininas	78
Tabela 2 – Gêneros dos artistas em destaque	79

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	<i>O que tem aqui? Um breve resumo de cada seção.....</i>	16
2	COMO VOCÊ FEZ?	20
3	FOI ISSO QUE ME CONTARAM.....	30
3.1	<i>Nossa, como você está diferente... ..</i>	30
3.2	<i>Eu vi, hein?!.....</i>	55
3.3	<i>Desocultando o não oculto</i>	60
4	PEGUEM SUAS APOSTILAS.....	66
4.1	<i>E o que você aprendeu lá?</i>	66
4.1.1	<i>Primeiro ano</i>	67
4.1.1.1	<i>Apostila do primeiro semestre</i>	67
4.1.1.2	<i>Apostila do segundo semestre</i>	68
4.1.2	<i>Segundo ano.....</i>	69
4.1.2.1	<i>Apostila do primeiro semestre</i>	69
4.1.2.2	<i>Apostila do segundo semestre</i>	70
4.1.3	<i>Terceiro ano.....</i>	71
4.1.3.1	<i>Apostila do primeiro semestre</i>	71
4.1.3.2	<i>Apostila do segundo semestre</i>	72
4.1.4	<i>Quarto ano.....</i>	73
4.1.4.1	<i>Apostila do primeiro semestre</i>	73
4.1.4.2	<i>Apostila do segundo semestre</i>	74
4.1.5	<i>Quinto ano</i>	75
4.1.5.1	<i>Apostila do primeiro semestre</i>	75
4.1.5.2	<i>Apostila do segundo semestre</i>	77
4.2	<i>Vocês viram feminilidades?</i>	78
4.3	<i>Se liga no close</i>	80
4.3.1	<i>Primeiro ano</i>	81
4.3.1.1	<i>Imagem selecionada da apostila do primeiro semestre</i>	81
4.3.1.2	<i>Imagem selecionada da apostila do segundo semestre.....</i>	82
4.3.2	<i>Segundo ano.....</i>	82
4.3.2.1	<i>Imagem selecionada da apostila do primeiro semestre</i>	82

4.3.2.2 Imagens selecionadas da apostila do segundo semestre.....	83
4.3.3 Terceiro ano.....	84
4.3.3.1 Imagem selecionada da apostila do primeiro semestre	84
4.3.4 Quarto ano.....	85
4.3.4.1 Imagem selecionada da apostila do primeiro semestre	85
4.3.4.2 Imagem selecionada da apostila do segundo semestre.....	85
4.3.5 Quinto ano	86
4.3.5.1 Imagem selecionada da apostila do primeiro semestre	86
4.3.5.2 Imagem selecionada da apostila do segundo semestre.....	86
4.4 Já brincou de “cidade dorme”?.....	87
4.4.1 Imagem 1	87
4.4.2 Imagem 2	88
4.4.3 Imagem 3	89
4.4.4 Imagem 4	90
4.4.5 Imagem 5	92
4.4.6 Imagem extra	93
4.4.7 Análise geral do material.....	94
4.4.8 Contextualizando a análise geral do material	96
5 ISSO É TUDO, PESSOAL?!	100
REFERÊNCIAS.....	103

1 INTRODUÇÃO

A rua estava escura, o poste mais próximo, com sua luz fraca e tremeluzente estava quase apagado. O som de passos apressados atrás de mim fez minha espinha congelar. Apressei meus passos, já traçando na mente milhares de rotas de fuga. Foi então que meu perseguidor me alcançou. O alívio foi imediato: era outra mulher. Nos entreolhamos rapidamente, como quem diz “entendo seu sentimento”. Ela diminuiu suavemente o ritmo, mantendo-se alguns passos a minha frente e seguimos até o final da rua. Estávamos implicitamente juntas, uma passando segurança para a outra.

É comum sentirmos medo ao caminharmos em ruas escuras, independente do sexo, afinal a criminalidade no Brasil é alarmante. Contudo para mulheres o risco é ainda maior. As estatísticas de feminicídios¹ no Brasil são assustadoras. Segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública (Bueno et al, 2023), em 2022 foram registrados 1437 feminicídios no país, enquanto homicídios femininos (não categorizados como feminicídios) foram 3924. Ora, se o simples fato de ser mulher ainda é motivo para assassinatos em pleno século XXI, não restam dúvidas de que a feminilidade é um tema importante, atual e de alta prioridade. O machismo e a desigualdade de gêneros são aprendidos desde que nascemos, em cada relação social que estabelecemos. Situação que deve ser combatida, de acordo com o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 5 (ODS5) da Organização das Nações Unidas (ONU), divulgado no site do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Dessa forma, o espaço mais potencialmente transformador das relações de gênero é a escola, que, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB doravante neste trabalho (Brasil, 1996a), todo cidadão deve frequentar, no mínimo, dos 4 aos 17 anos, em muitos casos por período integral. Para que essa transformação seja possível, é necessário termos conhecimento de quais conceitos de feminilidade estão sendo apresentados para nossas crianças através das imagens presentes em materiais didáticos, assim teremos uma noção do ponto de partida das estratégias educacionais necessárias para transformarmos o cenário de violência contra a mulher. Nesse sentido, o objetivo do presente estudo é analisar e compreender as imagens de feminilidades presentes nas figuras que ilustram as páginas das apostilas de Arte do primeiro ao quinto ano do Sistema de Ensino adotado por toda a Rede Municipal de escolas de Ensino Fundamental I de uma determinada cidade (manteremos o anonimato por questões éticas) do interior de São Paulo. Ou seja, o material faz parte de uma política pública que visa formar o cidadão do

¹ Segundo a Lei 13.104 de 2015, feminicídio é homicídio “contra a mulher por razões da condição de sexo feminino”.

município. Tal objetivo está de acordo com a “Meta 5c” do ODS5: “Adotar e fortalecer políticas públicas e legislação que visem à promoção da igualdade de gênero e ao empoderamento de todas as mulheres e meninas, bem como promover mecanismos para sua efetivação” (IPEA, [s.d.]). A cidade supracitada tem 1.378,069km² de área territorial e tinha 423.323 pessoas residentes em 2022, de acordo com o site (cujo link não consta das referências, por conter o nome da cidade) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A escolha do material da disciplina de Arte, conforme denominado na Base Nacional Comum Curricular – Brasil, 2018 (BNCC doravante neste trabalho), se deve ao fato de essa representar o momento no qual a leitura e a produção de imagens se fazem com maior intensidade e intencionalidade. Nesse sentido, a BNCC (Brasil, 2018, p. 197) lista, dentre as habilidades a serem desenvolvidas nas aulas de Arte ao longo dos anos iniciais do Ensino Fundamental:

Identificar e apreciar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.

Explorar e reconhecer elementos constitutivos das artes visuais (ponto, linha, forma, cor, espaço, movimento etc.).

Reconhecer e analisar a influência de distintas matrizes estéticas e culturais das artes visuais nas manifestações artísticas das culturas locais, regionais e nacionais.

Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais.

Ou seja, trata-se da matéria escolar que se propõe, dentre outros conteúdos, a educar através da imagem.

A análise do material busca compreender quais conceitos de feminilidade são apresentados para as crianças, a partir da escolha de imagens que compõem o material didático de Arte do Ensino Fundamental I. Desse modo, foi inicialmente escolhida uma imagem de cada apostila, e, como cada série recebe duas apostilas por ano (uma por semestre), foram selecionadas 10 imagens. Contudo tal seleção foi alterada ao longo do trabalho de análise, uma vez que as hipóteses encontradas no contato mais aprofundado com o objeto nos trouxeram novas necessidades, como será detalhado adiante. Tendo em vista que a feminilidade é um conceito amplo e independente do sexo e da orientação sexual, optou-se por selecionar apenas imagens com figuras humanas do sexo feminino cisgênero. Dessa maneira, apesar de reconhecermos as denominações de gêneros do movimento LGBTQIAPN², na presente

² Movimento que representa as diversas identidades de gênero e orientações sexuais, sendo elas: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Queer, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais, Não-binárias. O símbolo “+” indica a inclusão de outras identidades não presentes na sigla.

pesquisa utilizaremos apenas denominações binárias para focarmos no tema feminilidade, sem adentrar outros temas.

O projeto inicial (que será exposto no próximo parágrafo), com o qual iniciou-se o estudo que deu origem a este trabalho, mostrou-se inaplicável apesar de ter sido aprovado pela banca para ingresso no programa de pós-graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Tal constatação ocorreu a partir das valiosas orientações do Prof. Dr. Luiz A. Calmon Nabuco Lastória e das importantes contribuições dos colegas pesquisadores membros do Grupo de Estudos e Pesquisas do qual faço parte, “Teoria Crítica: Tecnologia, Cultura e Formação” (CNPq), liderado pelo Prof. Dr. Luiz A. Calmon Nabuco Lastória. As reuniões semanais do Grupo contavam com leituras e discussões de textos que contribuíram positivamente para a formação da mestranda responsável por este estudo. Ademais, eram também conduzidas apresentações de projetos de pesquisas dos integrantes, seguidas de discussões, indicações de leituras e trocas de conhecimentos entre seus participantes, sempre muito solícitos e dispostos em compartilhar suas experiências e conhecimentos acadêmicos. Tal valoroso ambiente de estudos foi de grande importância para o andamento deste trabalho, uma vez que a comunicação e socialização de conhecimentos entre pares é um hábito que amplia nossos horizontes e nos possibilita pensar a partir de outras lentes.

Com as questões norteadoras: “O que é feminilidade para as crianças? O que é teoricamente a “feminilidade?””, o projeto inicial tinha como objetivo geral a análise da noção de feminilidade encontrada em crianças de um quarto ano do Ensino Fundamental, a partir de suas produções em aulas de Arte. Tal objetivo possibilitaria o diálogo entre o projeto de mestrado e o trabalho de Iniciação Científica da pesquisadora, “A Feminilidade nos Contos de Fadas” (Fargetti, 2015), que analisou produções de crianças da mesma faixa etária. Nesse primeiro trabalho, foi conduzido um estudo sobre a influência de determinados contos de fadas na formação da noção de feminilidade em crianças de uma turma de quarto ano do Ensino Fundamental. Os resultados despertaram fortes questionamentos sobre o tema, dando origem ao projeto inicial de mestrado. Contudo, apesar de ter sido aprovado para o ingresso no programa de pós-graduação, ao iniciarmos as leituras e socializarmos nossas aspirações e impasses, ficou evidente que não haveria tempo hábil para a execução do projeto inicial durante o prazo máximo de mestrado exigido pelo programa.

Aproveitando parte da literatura estudada para o projeto inicial, foi sendo elaborada ao longo do percurso de formação do mestrado, a reestruturação do projeto que deu origem à

presente pesquisa. Isso se deu por meio do aprofundamento em leituras já realizadas e da ampliação do repertório bibliográfico orientado ao tema da pesquisa.

O projeto base para este estudo inicialmente se propunha a investigar quais as principais marcas estéticas de feminilidade percebidas em obras de artes consagradas presentes em apostilas de Arte dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Contudo o contato com o material empírico despertou a necessidade de analisar também as ilustrações e as fotografias, uma vez que nelas foram observadas representações humanas mais diversificadas. Dessa forma, o projeto apresentou uma breve revisão bibliográfica a respeito das mudanças que ocorreram ao longo da história no senso comum sobre feminilidade. Fundamentaram o projeto leituras como: Elizabeth Badinter (1985), Simone Beauvoir (1960 e 1967), Serge André (1998), Sigmund Freud (1996), Jacques Lacan (1985 e 1998), Nancy Chodorow (2002), Laura Cipollone (2003) e Élisabeth Roudinesco (2022).

A fim de responder à questão: “Quais representações de feminilidade aparecem nas apostilas de Arte do Ensino Fundamental I adotadas pela rede municipal de escolas de uma determinada cidade do interior de São Paulo?”, traçaram-se os objetivos: investigar quais imagens as apostilas de Arte agregam à noção de feminilidade de crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental; fazer uma contextualização histórica sobre a feminilidade a partir de levantamento bibliográfico referente ao tema; coletar materiais empíricos em apostilas de Arte do Ensino Fundamental I (imagens de mulheres); analisar com o emprego da Hermenêutica Objetiva o material empírico coletado.

Para a análise das figuras femininas, as dez imagens inicialmente selecionadas, bem como a imagem adicionada posteriormente, foram enviadas online em alta resolução (para garantir a visualização dos detalhes de cada imagem) aos membros da equipe para análise interpretativa via o emprego do método da Hermenêutica Objetiva. Tal equipe foi composta por 5 membros, todos pertencentes ao Grupo de Estudos e Pesquisas “Teoria Crítica: Tecnologia, Cultura e Formação” (CNPq). Descreveremos com mais profundidade essa etapa do trabalho na seção 2.

1.1 O que tem aqui? Um breve resumo de cada seção

Na introdução são apresentadas estatísticas de feminicídios no Brasil, que confirmam a importância e a urgência de investigar como a feminilidade é tratada na escola, uma vez que é a instituição com maior potencial transformador da sociedade. Por mais que seja uma afirmação otimista, que divide opiniões na área da Educação, é inegável o fato de que a

obrigatoriedade escolar coloca grande parte da população em salas de aula dos 4 aos 17 anos, principalmente aqueles que frequentam em período integral. Sendo assim, os anos iniciais do Ensino Fundamental representam o início dos estudos de conteúdos sistematizados da formação escolar na qual os momentos de maior foco e intencionalidade na leitura e produção de imagens, de acordo com a BNCC, são as aulas de Arte. Dessa maneira, nos propomos a analisar pelo emprego do método Hermenêutica Objetiva uma seleção de imagens de mulheres das apostilas de Arte do primeiro ao quinto ano do Ensino Fundamental do Sistema de ensino adotado por todas as escolas de Ensino Fundamental I de uma cidade do interior de São Paulo. Tais análises pretendem desvendar a ideia de feminilidade que esses materiais estão apresentando para as crianças.

A segunda seção, nomeada “Como você fez?”, traz a apresentação do trajeto metodológico do trabalho. São descritos os critérios para seleção do aporte bibliográfico, a forma de fichamento das leituras, os critérios de seleção das imagens analisadas e como o método da Hermenêutica Objetiva foi empregado na análise dessas imagens.

Na terceira seção, nomeada “Foi isso que me contaram”, apresentamos as bases teóricas do trabalho. Primeiramente, com o subtítulo “Nossa, como você está diferente...”, abordando o trajeto histórico da feminilidade a partir da obra de Simone Beauvoir (“O segundo sexo: fatos e mitos”), que traz um capítulo de contextualização histórica sobre os papéis sociais da mulher, e Badinter (“Um amor conquistado: o mito do amor materno”), que apresenta o percurso do papel social da mulher como mãe ao longo dos séculos. Dessa forma, a autora descreve a imagem feminina desde o século XVII, quando a mulher era vista como a encarnação do mal e da tentação (Eva), até o século XX quando é vista como companheira, dividindo em alguns casos o cuidado com os filhos e o ambiente de trabalho com seus parceiros.

Ainda nesse trecho, trabalhamos a discussão que Élisabeth Roudinesco (2022) faz em sua obra “O eu soberano: ensaio sobre as derivas identitárias”, na qual a autora discorre sobre os diversos movimentos identitários atuais, que veem cada característica individual como diferença irreconciliável com os demais. Nesse contexto, a feminilidade é tida como um conceito amplo, individual e não generalizável.

Também se apresentam brevemente discussões sobre a feminilidade presentes nas obras de Beauvoir “O segundo sexo: fatos e mitos” e “O segundo sexo: a experiência vivida”, nas quais a autora tece uma crítica sobre diversos campos que apresentam a feminilidade a partir do masculino, como “o outro”, não como algo em si. Mary Del Priore (1991) também contribuiu para tais discussões com as descrições de documentos que ilustram a situação da mulher no Brasil em diversos tempos históricos, presentes em sua obra “A mulher na história do Brasil”.

Outros autores como Silvia Federici (2017), Pierre Bourdieu (2012), Heleieth Saffioti (1994) e Joan Scott (1995) foram também apresentados nesse trecho.

Abordou-se também na terceira seção o tema do feminismo, indiscutivelmente transformador das imagens de feminilidade nas sociedades. Dessa maneira, foi apresentada uma breve contextualização histórica dos movimentos feministas, especialmente no Brasil. Tal história culmina no surgimento de movimentos feministas paralelos que evidenciam as características individuais de suas participantes como diferenças irreconciliáveis dos demais, como o fenômeno descrito por Roudinesco. Nesse contexto surge o Feminismo Sulista, o Mulherismo Africana, o Transfeminismo, o Feminismo Cigano, o Ecofeminismo e outros grupos que surgiram paralelos ao feminismo.

Finaliza-se o trecho teórico sobre feminilidade trazendo uma sintética definição do conceito de feminilidade para Sigmund Freud e para Jacques Lacan, seguida de uma abordagem que se difere da anterior, segundo Nancy Chodorow e Laura Cipollone. Conclui-se com uma reflexão de Heleieth Saffioti sobre as construções sociais de gênero.

O próximo trecho da terceira seção tem o subtítulo: “Eu vi, hein?”. Nele inicia-se uma discussão sobre imagem em suas possíveis significações causadoras de identidades ou de estranhamentos. Apresenta-se a obra “A filosofia da caixa preta” de Vilém Flusser, discutindo sobre a importância de refletirmos sobre quais imagens devemos escolher para compor materiais didáticos, destacando a importância da educação do olhar em uma sociedade com tantos excessos visuais.

O terceiro subtítulo dessa seção foi nomeado “Desocultando o não oculto”. Trata-se de uma breve discussão sobre currículo formal, currículo real, currículo oculto e uso de apostilas nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

A quarta seção- se intitula “Peguem suas apostilas” e se propõe a descrever os livros didáticos estudados. No subtítulo “E o que você aprendeu lá?” há a descrição abreviada dos conteúdos propostos em cada apostila. O subtítulo “Vocês viram feminilidades?” traz uma breve estatística dos dados observados no material empírico. No subtítulo “Se liga no close” apresentam-se as dez imagens inicialmente selecionadas para serem analisadas com o emprego do método da Hermenêutica Objetiva, bem como a imagem adicionada posteriormente e uma breve explicação sobre a remoção de cinco das imagens iniciais. E no subtítulo “Já brincou de “cidade dorme?”” apresentam-se os processos e resultados das análises pelo método da Hermenêutica Objetiva.

As considerações finais- intitulada “Isso é tudo, pessoal?!”, o trecho final refaz brevemente o percurso bibliográfico do trabalho, relacionando-o com os dados observados

durante as análises, apresentando as contribuições que esse trabalho traz para o campo da Educação Escolar.

Apresentado o trabalho, convidamos você a responder conosco, com base na leitura desta dissertação, à questão: Quais representações de feminilidade estão sendo apresentadas nas apostilas de Arte do Ensino Fundamental I da rede municipal de escolas de uma determinada cidade do interior de São Paulo?

5 ISSO É TUDO, PESSOAL?!

As exposições bibliográficas deste trabalho apresentaram elementos constitutivos das imagens de feminilidades presentes no imaginário coletivo da sociedade brasileira atual. Não obstante, vimos parte da história da mulher e seus papéis sociais no Brasil e na Europa (que exerceu significativa influência na nossa história, uma vez que os colonizadores eram portugueses, ou seja, europeus). A mulher foi, por muitos séculos, considerada inferior ao homem, digna de maus tratos, subtração de direitos, controle do homem sobre seu corpo e punição caso seu comportamento não fosse dócil, servil e submisso ao homem (em especial no período descrito por Federici (2017) da caça às bruxas, como descrito na seção 3.1 deste trabalho). Com a valorização da família e da figura materna pela igreja católica e pelo Estado, a feminilidade passa a ser ligada ao cuidado com o outro (em especial com crianças), à delicadeza e à submissão.

Tais acontecimentos marcaram violentamente a noção de feminilidade do inconsciente coletivo, gerando o que Beauvoir (1960) chama de uma visão da mulher como “o outro”. Apesar das importantes conquistas obtidas pelos movimentos feministas e pelas grandes teorias da feminilidade, como a psicanálise de Freud - que se propôs a ouvir e buscar entender as mulheres em meio à sociedade extremamente machista de sua época -, ainda hoje a mulher vive desleais diferenças sociais. Observamos isso seja na garantia de seus direitos; na obtenção de bons cargos profissionais; na divisão do trabalho doméstico; na divisão dos cuidados com os filhos; no direito sobre seu corpo; ou até mesmo para ser ouvida e valorizada em suas falas na esfera pública e na privada. Especialmente nos resultados deste trabalho, nas representações femininas em livros didáticos, com imagens frequentemente “tradicionais/conservadoras”, e em menor proporção e representatividade de figuras femininas entre os artistas em destaque. A caça às bruxas acabou, mas mulheres continuam sofrendo abusos, violências físicas e psicológicas em proporções extremamente superiores a dos homens, o que aponta uma disparidade absurda entre os gêneros até hoje.

O processo de pesquisa para a elaboração de uma dissertação é repleto de caminhos e descobertas que põem em xeque as ideias pré-concebidas da autora, diante disso concordamos com a frase de Lacan de que “não há A mulher, artigo definido para designar o universal” (Lacan, 1985, p. 98). Muito do que o senso comum credita à feminilidade é, em suma, um conjunto de comportamentos e formas de se colocar no mundo que foram ensinados às meninas desde o seu nascimento, mas que também podem ser performados por homens sem que sejam do grupo LGBTQIAPN+. Tal aprendizado, de acordo com a bibliografia estudada, se dá no

convívio familiar, nas relações sociais, nos exemplos midiáticos, nas leis às quais estão sujeitas, nas obrigações às quais são submetidas, nos comportamentos exigidos, nos costumes religiosos, nas vestimentas, na exaltação da beleza, na história das mulheres, na escola com seus agentes e materiais didáticos. É possível encontrar na academia diversos textos de tipologia da feminilidade, bem como os que se debruçam a investigar os mecanismos de formação da feminilidade, muitas vezes entendendo feminilidade como um conjunto de características próprias das mulheres cis. Todavia, tanto a existência empírica de mulheres reais com as quais convivemos diariamente, quanto as teorias estudadas neste trabalho, nos evidenciam que o termo “feminilidade” pode ser atribuído a dois sentidos:

- Formas de ser mulher: conceito plural e não generalizável. Fruto da experiência de vida de cada sujeito do gênero feminino. Conceito adotado na seleção de imagens deste trabalho e suas análises, que demonstraram uma gama de representações de feminilidades nesse sentido.
- Características historicamente atribuídas ao feminino: conceito aplicável não só às mulheres, mas também a qualquer gênero. Denomina, em síntese, um conjunto de características ligadas a passividade, afetividade e ao cuidado com o outro.

Considerando as análises realizadas e o recorte bibliográfico adotado, o escopo deste trabalho foi responder à questão: “Quais representações de feminilidade são apresentadas nas apostilas de Arte do Ensino Fundamental I da rede municipal de escolas de uma determinada cidade do interior de São Paulo?”, tendo em vista os dados coletados, em concordância com a metodologia adotada. Diante disso, retomamos o desafio lançado na introdução deste trabalho, o qual foi respondido na seção 4.

É inegável a importância de analisarmos criticamente os materiais que serão utilizados em sala de aula, porém é importante ressaltar que as formas como cada conteúdo será trabalhado e quais recursos linguísticos serão empregados também devem ser cuidados para não atribuímos aos materiais sentidos causadores de desigualdades e intolerância. Como afirma Louro (1997):

Sabemos que mesmo o texto mais radical e contestador pode ser "domesticado" e pode perder sua força dependendo da forma como é tratado. Por outro lado, é óbvio que recursos de ensino não são os únicos integrantes das práticas discursivas numa sala de aula, eles não são responsáveis exclusivos por toda a dinâmica que ali acontece (embora sejam importantes). Professoras/es e estudantes carregam de sentido aquilo que lêem, o que dizem, ouvem ou fazem. Como acentuei anteriormente, é preciso questionar sempre não apenas o que ensinamos, mas o modo como ensinamos e os sentidos que os/as nossos/as alunos/as dão ao que aprendem (Louro, 1997, p. 136).

Em se tratando as imagens de materiais passíveis de serem transcodificados em textos, podemos aplicar também a ideia de Louro (1997) à leitura de imagens na escola. Portanto, munidos dos dados e das discussões presentes neste trabalho, é possível aos professores, às editoras de apostilas e demais membros da esfera escolar elaborarem/adotarem materiais didáticos e discursos com maior perspectiva de gênero. Esta pode ser tida como uma contribuição significativa deste trabalho para o campo de estudos em Educação Escolar, visto que as falhas apontadas nas apostilas estudadas e seus acertos, possibilitam a interferência e a descontinuidade das desigualdades de gêneros nas escolas, evitando que sejam mecanismos de legitimação de estruturas de dominação e de subjugação do feminino.

Este trabalho convida seus leitores a pensarem criticamente sobre os materiais didáticos utilizados na escola, de modo que não reproduzam estereótipos de gêneros que colaboram para a manutenção e o fortalecimento de disparidades, preconceitos, subjugação, violência, entre outros cometidos contra mulheres. Desse modo, a escola tem o poder de contribuir significativamente para a formação de uma sociedade mais justa, aberta, e, além de meramente tolerante às diferenças, que seja acolhedora às diversidades e, portanto, realmente inclusiva. Bora?!

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, S. **O que quer uma mulher?** Tradução: Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

BADINTER, E. **Um amor conquistado:** o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BALLESTRIN, L. Feminismo De(s)colonial como Feminismo Subalterno Latino-Americano. **Revista Estudos Feministas**, v. 28, n. 3, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2020v28n375304>. Último acesso em: 04/01/2022.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo:** fatos e mitos. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960.

_____. **O segundo sexo:** a experiência vivida. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

BENJAMIN, W; HORKHEIMER, M; ADORNO, T; HABERMAS, J. **Textos escolhidos.** (Col. Os Pensadores, Vol. XLVIII). Tradução: José Lino Grünnewald, et al. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990.** Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial da União, 1990.

_____. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Diário Oficial da União, 1996a.

_____. **Lei nº 9.263, de 12 de janeiro de 1996.** Regula o § 7º do art. 226 da Constituição Federal, que trata do planejamento familiar, estabelece penalidades e dá outras providências, 1996b.

_____. **Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010.** Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. Brasília: Diário Oficial da União, 2010.

_____. **Lei nº 12.527, de 18 de novembro de 2011.** Regula o acesso a informações previsto no inciso XXXIII do art. 5º, no inciso II do § 3º do art. 37 e no § 2º do art. 216 da Constituição Federal; altera a Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990; revoga a Lei nº 11.111, de 5 de maio de 2005, e dispositivos da Lei nº 8.159, de 8 de janeiro de 1991; e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial da União, 2011.

_____. **Lei nº 13.104, de 9 de março de 2015.** Altera o art. 121 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos. Brasília: Diário Oficial da União, 2015.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina.** Tradução: Maria Helena Kühner. 11ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BUENO, S.; MARTINS, J.; LAGRECA, A; SOBRAL, I; BARROS, B; BRANDÃO, J. O crescimento de todas as formas de violência contra a mulher em 2022. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**, ano 17, pp. 136-153, 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>. Último acesso em: 05/02/2024.

CHODOROW, N. **Psicanálise da maternidade**: uma crítica a Freud a partir da mulher. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2002.

CIPOLLONE, L. Diferença sexual, dimensão interpessoal e afetividade nos contextos educacionais para a infância. **Pro-Posições**, Campinas, v. 14, n. 3, pp. 25-39, 2003. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643859/11336>. Último acesso em: 10/01/2022.

DEL PRIORE, M. **A mulher na história do brasil**. São Paulo: Contexto, 1991.

DUCL, J. R. **Metamorfoses da autoridade**: do professor ao algoritmo. 2019. 276p. Tese (Doutorado em Educação Escolar) - Universidade Estadual Paulista - Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/6db120d4-1fb0-43e3-9729-e98cd482576a/content>. Último acesso em: 12/07/2024.

ESTÊS, C. P. **Mulheres que correm com os lobos**: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Tradução: Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

FARGETTI, L. M. **A feminilidade nos Contos de Fadas**. Orientador: Prof. Dr. Guilherme do Val Toledo Prado. 2015. 71 p. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Pedagogia) - Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas, 2015.

FEDERICI, S. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Rio de Janeiro: Editora Elefante, 2017.

FLUSSER, V. **Filosofia da caixa preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2009.

FREUD, S. **Novas conferências introdutórias sobre Psicanálise e outros trabalhos (1932-1936)**. Tradução: Jayme Salomão. Vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GRUSCHKA, A. Escola, Didática e Indústria Cultural. In: DURÃO, F. A; ZUIN, A; VAZ, A. F (Orgs.). **A indústria cultural hoje**. São Paulo: Boitempo, 2008, pp.173-183.

_____. **Frieza burguesa e educação**: a frieza como mal-estar moral da cultura burguesa na educação. Tradução: Erika Hansen Gonçalves, et al. Campinas: Autores Associados, 2014.

HINING, A. P. S.; TONELI, M. J. F. Cisgeneridade: um operador analítico no transfeminismo brasileiro. **Revista Estudos Feministas**, v. 31, n. 01, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/BtLpSzcvY7BJx7t4nz6vSvC/#>. Último acesso em: 05/04/2024.

HOUAISS, A; VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2022**: População por idade e sexo - Resultados do universo. 2022. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Último acesso em: 18/12/2023.

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 5**: Igualdade de gênero, [s.d.]. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/ods/ods5.html>. Último acesso em: 12/08/2024.

LACAN, J. **O seminário**: livro 20: mais, ainda. Tradução: M. D. Magno. 2ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

_____. **Escritos**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LASTÓRIA, L. A. C. N. Tecno-imagem e sujeito. **Revista Artefilosofia**, Ouro Preto, n. 8, pp. 155-160, 2010.

LEÃO, A. M. C. **Estudo analítico-descritivo do curso de Pedagogia da UNESP de Araraquara quanto à inserção das temáticas de sexualidade e orientação sexual na formação de seus alunos**. 2009. 350p. Tese (Doutorado em Educação Escolar) - Universidade Estadual Paulista - Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2009. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/19bc4cc0-3104-4aa5-8248-40eb1b2f91d6/content>. Último acesso em: 12/07/2024.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. 6ª edição. Petrópolis: Vozes, 1997.

MIGUEL, R. de B. P.; MARX, D. S.; ARNDT, G. J. Surfando na onda digital: feminismos em rede no Brasil. Lisboa: **Ex aequo**, n. 42, pp. 119-134, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.22355/exaequo.2020.42.07>. Último acesso em: 29/12/2021.

NJERI, A.; RIBEIRO, K. Mulherismo Africana: práticas na diáspora brasileira. **Currículo sem fronteiras**, v. 19, n. 2, pp. 595-608, 2019. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/2d47/dfa528d9af54df758d0cc6cce91f0afcc9e7.pdf>. Último acesso em: 05/04/2024.

OSÓRIO, A. Ecofeminismo, teorias do care e as críticas a protetoras de animais de rua. **Revista Estudos Feministas**, v. 26, n. 03, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2018v26n357762>. Último acesso em: 05/04/2024.

PINTO, C. R. J. **Uma história do feminismo no Brasil**. Editora Fundação Perseu Abramo, São Paulo. 2003.

_____. Feminismo, história e poder. **Revista de sociologia e política**, v. 18, p. 15-23, 2010.

REA, C. A. Redefinindo as fronteiras do pós-colonial. O feminismo cigano no século XXI. **Revista Estudos Feministas**, v. 25, n. 01, pp. 31-50, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n1p31>. Último acesso em: 05/04/2024.

RIBEIRO, D.; NOGUEIRA, C.; MAGALHÃES, S. I. As ondas feministas: continuidades e descontinuidades no movimento feminista brasileiro. **Sul Sul**, v. 01, n. 03, pp. 57-76, 2021. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10216/136148>. Último acesso em: 23/12/2021.

ROUDINESCO, E. **O eu soberano**: ensaio sobre as derivas identitárias. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

SAFFIOTI, H. I. B. Posfácio: conceituando o gênero. In: SAFFIOTI, Heleieth I. B.; MUNOZ-VARGAS, M. **Mulher brasileira é assim**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, pp. 271-283, 1994.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D. de; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, a. 1, n. 1, 2009.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. **Educação & Realidade**, v. 20, n.2, jul./dez.1995.

SILVA, T. T. da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SOARES, S. V.; PICOLLI, I. R. A.; CASAGRANDE, J. L. Pesquisa bibliográfica, pesquisa bibliométrica, artigo de revisão e ensaio teórico em administração e contabilidade. **Administração: ensino e pesquisa**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, pp. 308-339, 2018.

STEINER, P.; PICHLER, B. Objective Hermeneutic: methodological reflections on social structures in women's lives. **Psychology & Society**, v. 2, n. 1, pp. 50-54, 2009.

VILELA, R. A. T.; NOACK-NAPOLES, J. "Hermenêutica Objetiva" e sua apropriação na pesquisa empírica na área da educação. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 16, n. 31, pp. 305-326, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/lc.v16i31.3618>. Último acesso em: 10/01/2022.

ZAFIROPOULOS, M. A teoria freudiana da feminilidade: de Freud a Lacan. Tradução: Elisa Rennó dos Mares Guia e Paulo Roberto Ceccarelli. **Reverso**, Belo Horizonte, ano 31, n. 58, pp. 15-24, 2009. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5470010>. Último acesso em: 10/01/2022.